

PANDEMIAS



De [Heiko Flottau](#), 07.10.2020

Ficção científica tornada realidade

Já na Antiguidade, as sociedades foram transformadas por pandemias e alterações climáticas. Agora, na Europa e sobretudo nos EUA, vemo-nos perante dramáticas mudanças radicais.

Se, de repente, considerando as rápidas possibilidades de transmissão características do nosso tempo, surgisse tipo de vírus que, por mutação, se tornasse fatal, este alcançaria o recanto mais remoto da Terra e causaria a morte de milhões de pessoas.

(Wendell Meredith Stanley em 22 de Dezembro de 1947, bioquímico e virologista norte-americano, vencedor do Prémio Nobel da Química em 1946)

Esta citação surge no início de um livro considerado uma obra-prima da literatura de ficção científica, publicada pela primeira vez em 1949, nos Estados Unidos, com o título *Earth Abides*, com reedição em 2016 na Alemanha. (1) O autor, George R. Stewart, descreve o percurso de vida de um homem que, depois de ter sido mordido por uma cobra, tem de passar alguns dias na sua cabana na montanha e, quando se encontra curado, fica a saber, com horror, que praticamente todas as pessoas do seu país, os Estados Unidos da América, perderam a vida para um vírus mortal.

Ish — o nome abreviado deste homem que escapou ileso — sobrevive forçando a entrada em supermercados para arranjar comida. Viaja de carro por meio continente (encontra combustível em todo o lado, nas estações de serviço abandonadas). Ocasionalmente, cruza-se com animais, por vezes também pessoas, aqui e ali. Por fim, acaba por encontrar uma mulher com quem vive, tem filhos e constitui uma nova família. Juntam-se aos dois alguns, poucos, outros sobreviventes, formando-se assim uma espécie de comunidade. Quando um desconhecido se junta ao grupo e ameaça destruir a nova comunidade com a sua atitude agressiva, é condenado à morte e executado. Os primeiros sinais de um sistema de justiça em formação.

Ish morre já de idade avançada, venerado pela nova geração. Ish, assim descreve o autor a transformação interior do sobrevivente de uma civilização aniquilada por um vírus, chegou à convicção de que o ser humano deve fazer as pazes consigo mesmo. Caso contrário, corre o risco de repetir a catástrofe.

Epidemias na Antiguidade

Referências actuais? Sim, é claro, os EUA, por exemplo. Mas só um pouco mais tarde. Na verdade, a história é rica em relatos de epidemias e pandemias que, em tempos aparentemente tão normais e felizes, acabaram por alterar o curso planeado dos acontecimentos.

Assim, já o historiador grego Tucídides falava de um «acontecimento fatídico e mortal» que terá afectado os habitantes de Atenas em 430 a. C. Neste ano, escreve Tucídides na sua história da Guerra do

Peloponeso, a «pandemia [ter-se-á revelado] pela primeira vez entre os atenienses». (2) Desde então, os historiadores tentam descobrir que epidemia teria sido. Estima-se que cerca de 200 000 atenienses terão morrido. Mas a «fatídica e terrível calamidade» (segundo Tucídides) não terá atacado apenas o corpo humano, como também terá minado o Estado e a sociedade. As instituições da cidade terão praticamente deixado de funcionar, os cemitérios terão sido abandonados, as ruas e os templos estariam peçados de mortos e moribundos. Já ninguém temia os deuses, a consideração pelo outro ter-se-á desmoronado. A anarquia, escreve Tucídides, passou a ser a regra, quando as pessoas ousaram «fazer coisas que, de outro modo, teriam feito apenas num canto escuro e escondido».

A queda do Império Romano

Também a história do Império Romano — especialmente na fase da sua decadência — foi determinada por encontros de caos, desencadeados por pandemias, mas também por crises climáticas. Pelo menos é o que escreve o historiador estadunidense Kyle Harper no seu livro *The Fate of Rome — Climate, Disease and the End of an Empire*. (3)

Kyle Harper descreve a Peste Antonina (que grassou em cerca de 165 a 180 d. C., presumivelmente varíola), baptizada com o nome Marco Aurélio Antonino, que ficou registado na história como o imperador Marco Aurélio. A Peste Antonina terá provavelmente ceifado sete milhões de vidas, mas terá sido a mais inofensiva das três epidemias que os habitantes do Império tiveram de enfrentar ao longo dos séculos. A epidemia terá levado as pessoas, escreve o autor, «a procurar cura no culto de Apolo, já arcaico e crescentemente universal». Hoje em dia, dir-se-ia que a Covid-19 leva muitas pessoas a tornarem-se adeptas das fatídicas teorias da conspiração.

Kyle Harper escreve também sobre a Peste Cipriana, baptizada com o nome do bispo de Cartago, tendo grassado aproximadamente entre 250 e 271. Só em Roma, segundo a *Wikipedia*, terão morrido até 5000 pessoas diariamente. A Peste Cipriana, conforme escreve Kyle Harper, terá conduzido à queda dos alicerces do antigo politeísmo, permitindo que o cristianismo viesse preencher o vazio.

Todavia, Kyle Harper dedica-se sobretudo à Epidemia Justiniana, em evocação do imperador Justiniano, do Império Romano Oriental. Esta epidemia surgiu inicialmente em 541, no Egipto, depois em 542 em Constantinopla e, em seguida, em todo o espaço do Mediterrâneo, sendo considerada a maior epidemia da Antiguidade entre a Europa do Norte e Ocidental, o Mediterrâneo e o Império Sassânida. «Até ao período após 770, ocorriam surtos irregulares da doença, a que foram atribuídas proporções apocalípticas. Com base na investigação disponível actualmente, esta epidemia terá sido a Peste» (segundo a *Wikipedia*).

A vitória da natureza

Kyle Harper escreve que a Peste Justiniana terá provocado «o maior número de mortes em massa da história da humanidade» até então. Considera além disso «um facto incontornável que este período foi assolado por terremotos extraordinariamente intensos». E depois ainda veio uma pequena era glacial. Estas desastrosas influências do ambiente terão ocorrido totalmente fora do controlo do ser humano. Os efeitos destas influências, escreve Kyle Harper, estavam «inseparavelmente ligados às consequências da pandemia. As alterações climáticas, associadas a epidemias, levaram ao desmoronamento do que restava da ordem imperial romana».

A queda do Império Romano, escreve Kyle Harper, significou «a derradeira vitória da natureza sobre as ambições humanas». Os protagonistas desta dramática queda terão sido, num primeiro plano, os imperadores, os senadores, os Bárbaros, os comandantes-supremos e os soldados, mas «o destino de Roma também foi determinado por bactérias, vírus, erupções vulcânicas e ciclos solares». Deste modo, o encontro de danos ambientais, decadência política e agitação religiosa terá determinado a última fase da queda de Roma. E, por fim: sem estas mudanças radicais, escreve Kyle Harper, não teria sido possível conceber a ideia de uma ascensão do islamismo.

A humanidade sempre padeceu repetidamente de pandemias. Giovanni Boccaccio usou a peste de Florença, em 1348, como ponto de partida para a sua obra *Decamerone*, em que sete mulheres e três homens fogem para uma casa rural e, todos os dias, uma vez por dia, cada pessoa tem de falar sobre um tema. Depois de as dez pessoas, em dez dias, terem feito a sua apresentação, regressam todos a Florença. Quando, no século XVII, cerca de 100 000 pessoas morreram em Londres devido à Peste, Daniel Defoe escreveu a sua obra *Diário do Ano da Peste*. E com a «gripe espanhola» (espanhola porque os jornais espanhóis foram os primeiros a relatá-la mas, na verdade, a doença foi trazida para a Europa por soldados dos EUA), nos anos 1918 a 1920, estima-se que morreram entre 20 e 50 milhões de pessoas — mais do que os 17 milhões de mortos da Primeira Guerra Mundial.

E hoje?

«Numa só estação do ano, um parasita microscópico, 10 000 vezes mais pequeno do que uma pedra de sal, humilhou toda uma civilização. A Covid-19 ataca-nos fisicamente, mas também as bases culturais da nossa vida, a caixa das ferramentas do nosso sentido de comunidade e comunhão», escreve Wade Davis, professor de Antropologia na Universidade de Vancouver, num artigo com o título «Corona oder: Das klägliche Ende des amerikanischen Traums» [Corona ou: O lastimoso fim do sonho americano], na edição de Outubro da revista *Blätter für Deutsche und Internationale Politik*, publicada em Berlim.

O fim da era americana

Um pouco mais tarde o autor escreve sobre o que esta análise significa para os EUA. Numa «sombria época epidémica», a Covid terá «destruído totalmente a ilusão do sonho americano». Quando todos os dias morriam mais de 2000 pessoas, os americanos terão percebido que viviam num «Estado fracassado», liderado por um «governo disfuncional e incompetente», que terá levado ao «enfraquecimento» da «reivindicação de liderança mundial pela América num trágico fim de história».

O professor Wade Davis cita um artigo do jornal *Irish Times*: durante dois séculos, os EUA terão tomado para si mesmos todas as emoções possíveis — amor, medo, ódio, esperança, inveja, desprezo, veneração. Mas há uma emoção que, até agora, nunca terá sido promovida nos EUA, que é a compaixão. Wade Davis prossegue: «Quando os médicos e enfermeiros americanos aguardavam ansiosamente por transportes aéreos de emergência com abastecimentos básicos vindos da China, a porta da história abriu-se ao século asiático».

E quando, por fim, «em cada minuto, de cada dia, morria mais um americano, o país que em tempos produziu um avião de guerra por hora (na Segunda Guerra Mundial, n. do ed.) não foi capaz de fabricar as máscaras de papel nem as zangatas imprescindíveis para o controlo da doença».

Wade Davis prossegue, dizendo que é absolutamente possível que, nos EUA, nunca se venha a estabelecer uma democracia social. As democracias sociais são bem-sucedidas porque «desencadeiam economias capitalistas dinâmicas, mas que são usadas por todas as camadas da sociedade». Foi precisamente este o caminho de desenvolvimento que os EUA não terão seguido. Ou pelo menos não com um presidente como Donald Trump. «Mas mesmo que Trump venha a ser retumbantemente derrotado, isso não nos diz de modo algum claramente se um país tão profundamente dividido conseguirá olhar de novo em frente. Aconteça o que acontecer, a era da América terminou». Tal como a época do Império Romano depois da epidemia justiniana?

No livro de ficção científica referido no início *Earth Abides*, de George R. Stewart, a personagem principal, Ish, no final da vida, não anseia de modo algum a reposição da velha ordem americana. Ish, assim descreve Stewart o homem que agora morre e que foi o último de uma civilização derrubada por um vírus, «foi o último dos Antigos, eles (os descendentes de Ish, n. do ed.) foram os primeiros dos Novos. Ele (Ish) não sabia, no entanto, se os Novos perfilhariam o mesmo caminho dos Antigos, mas tinha naquele momento quase a certeza de que isso era algo que não desejava. Pensou em tudo aquilo que havia constituído a base da civilização: escravidão, conquista, guerra, opressão».

Ish morreu em paz. Permanece em George R. Stewart em aberto quais poderiam ser as bases de uma nova ordem — caso tal ainda seja possível após os efeitos das mudanças climáticas, teríamos nós aqui de acrescentar. Na verdade, nos seus últimos instantes de vida, Ish revela pensamentos sombrios: tal como o homem, também as criações do homem não existirão por toda a eternidade, diz ele. Mas algo fica claro: com a figura de Ish, o sobrevivente da epidemia, Stewart define uma vida mais simples, mais ligada à natureza e mais respeitadora dos recursos do que aquela que todos levamos agora.

Esta meta não deveria pertencer a mundo da ficção científica.

(1) *George R. Stewart: Leben ohne Ende*, Wilhelm Heyne Verlag, München 2016

(2) Citação de Robert Zaretsky: *When the Plague Came to Athens*. In: *Foreign Affairs*, edição de Maio de 2020

(3) *Kyle Harper: Fatum. Das Klima und der Untergang des Römischen Reiches*. Verlag C.H. Beck, München 2020



HEIKO FLOTTAU

Heiko Flottau foi correspondente no estrangeiro da secção do jornal *Süddeutsche Zeitung* dedicada ao Sudeste Europeu, sediada em Belgrado. Durante quinze anos, relatou a partir do Cairo sobre as regiões implicadas na crise do Médio Oriente. Actualmente, vive em Berlim.

Livros publicados: *Vom Nil bis an den Hindukusch – Der Nahe Osten und die neue Weltordnung* (2004, edição em árabe 2006); *Die Eiserne Mauer – Palästinenser und Israelis in einem zerrissenen Land* (2009, edição em árabe 2011)

Artigo original: <https://www.journal21.ch/wirklichkeit-gewordene-science-fiction>

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes